

# O FRACASSO DA NORMATIZAÇÃO: HISTERIA E SUBVERSÕES DO DISCURSO NO ROMANCE *O HOMEM*, DE ALUÍSIO AZEVEDO

*THE FAILURE OF STANDARDIZATION: HYSTERIA AND SUBVERSIONS OF DISCOURSE IN THE NOVEL O HOMEM, BY ALUÍSIO AZEVEDO*

Jacqueline dos Santos Souza<sup>i</sup>

**Resumo:** O naturalismo comumente é associado às teorias científicas como o darwinismo, determinismo e positivismo. De fato, elas estão presentes nas obras, mas esse mesmo discurso científico usado como instrumento de imposição ideológica pode, pelas mãos do narrador, ser subvertido. No romance *O homem*, de Aluísio Azevedo, a protagonista Magdá, jovem de família pequeno-burguesa, desenvolve um quadro de histeria a partir de uma desilusão amorosa. Conforme seu estado psíquico se agrava, fracassam as tentativas normatizadoras de controle da “doença” e aflora cada vez mais sua pulsão sexual, principalmente a partir do contato com “o homem” que dá título ao livro, o imigrante português trabalhador da pedreira de frente à sua casa. Partindo do pressuposto de que a neutralidade é algo inatingível, considerando as questões sociais, subjetivas e históricas dos indivíduos, este artigo visa analisar como processo de normatização imposto pelo conhecimento científico do período leva a protagonista à loucura, trazendo à tona uma crítica a esses mesmos conhecimentos ora defendidos pela estética naturalista.

**Palavras-chave:** naturalismo; Aluísio Azevedo; histeria; normatização.

**Abstract:** *Naturalism is commonly associated with scientific theories such as Darwinism, determinism and positivism. In fact, they are present in the works, but this same scientific discourse used as an instrument of ideological imposition can, in the hands of the narrator, be subverted. In the novel O homem, by Aluísio Azevedo, the protagonist Magdá, a young woman from a petit-bourgeois family, develops a case of hysteria due to a disappointment in love. As her mental state worsens, attempts to control the “disease” fail and her sexual drive increasingly emerges, especially after contact with “the man” who gives the book its title, the Portuguese immigrant who works in the quarry across the street from her house. Assuming that neutrality is something unattainable, considering the social, subjective and historical issues of individuals, this article aims to analyze how the process of standardization imposed by the scientific knowledge of the period leads the protagonist to madness, bringing to light a critique of this same knowledge now defended by naturalist aesthetics.*

**Keywords:** *naturalism; Aluísio Azevedo; hysteria; standardization.*

Submetido em: 16.5.2025  
Aceito para publicação em: 10.6.2025



É permitido compartilhar (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) este material, desde que citada a autoria e observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.

---

<sup>i</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *E-mail:* jssouza05@gmail.com. *Lattes:* <https://lattes.cnpq.br/4878803943899257>. *ORCID:* <https://orcid.org/0009-0002-7475-0579>.

## 1 INTRODUÇÃO

Aluísio Azevedo é reconhecido no cânone literário como a principal figura do naturalismo brasileiro, especialmente por narrativas que exploram agrupamentos humanos, tais como nas obras *O cortiço* e *Casa de pensão*, e por tecer críticas aos valores e à hipocrisia da burguesia que vivia na Corte no final do século dezenove. Para construir essa crítica, Aluísio, assim como outros autores do período, se apropriou dos conhecimentos científicos e filosóficos produzidos nesse tempo. Contudo, será que esse conhecimento científico estaria isento da ideologia dominante? Hoje sabemos que não e que, inclusive, determinados discursos validados cientificamente serviram de base para naturalizar as maiores barbáries da humanidade, controlar corpos e combater as lutas por igualdade social.

Uma obra de Aluísio Azevedo que representou um ponto de virada e um mergulho do autor nas ideias científicas do período foi o romance *O homem*, de 1887. Nele, o autor penetra na vida doméstica e no mundo onírico da protagonista, no qual os "acontecimentos" que ali ocorrem são determinantes para selar o destino da nossa heroína. No livro, a questão central da personagem principal, Magdalena ou Magdá é, ironicamente, a ausência do homem. A história gira em torno dessa jovem filha do conselheiro Pinto Marques que desenvolve um quadro de histeria a partir de um acontecimento trágico: a descoberta de que Fernando, rapaz tido como afilhado de seu pai e pelo qual tinha intenção de casar-se assim que ele concluísse a faculdade de medicina, era na verdade seu irmão, fruto de um caso extraconjugal de seu pai com uma mulher também casada. A dor pela impossibilidade de concretizar a relação amorosa é agravada ainda mais pela morte repentina do rapaz na Europa.

Antes do falecimento de Fernando, Magdá já apresentava resistência na escolha de um parceiro para casar-se. Logo nas primeiras páginas do romance surge a figura do médico, Dr. Lobão, amigo pessoal do conselheiro que identifica os primeiros sinais de um quadro de histeria e aconselha seu amigo a casar imediatamente sua filha. O quadro de histeria de Magdá evolui concomitante às tentativas de seu pai, seguindo as orientações do doutor, de encontrar um pretendente para a sua filha. Quando a jovem tem uma de suas crises na presença de um dos pretendentes, seu pai providencia uma viagem à Europa com o objetivo de melhorar o seu quadro de saúde, mas ao contrário do esperado, Magdá retorna da viagem com o desejo de seguir uma vida religiosa e é amparada por sua tia beata, Camila. A união da filha do conselheiro e sua tia solteirona e religiosa dura pouco, até a morte de Camila.

Após esse acontecimento, o livro retorna ao ponto de origem, que é o momento em que Magdá observa, sentada no divã de sua sala, os funcionários de uma pedreira que

funcionava em frente à janela de sua casa em Botafogo, bairro nobre do Rio de Janeiro, e decide subir a pedreira. Lá, sofre um mal-estar e é acudida pelo cavouqueiro Luís. Esse é o único momento em que a personagem tem contato real com o homem que dá título ao livro. A partir desse episódio, a filha do conselheiro passa a ter sonhos com o cavouqueiro e aos poucos vai abandonando os acontecimentos da vida real para se abrigar na vida paralela dos sonhos, a qual ela tem plena liberdade sobre os seus desejos. Na vida real, Luís casa-se com Rosinha, sua noiva e irmã da criada portuguesa de Magdá, Justina. Ao saber que Luís, seu amante em sonho, casou-se com Rosinha, Magdá envenena e mata os recém-casados. O romance termina com a filha do conselheiro sendo levada para a casa de detenção.

O romance, seguindo os preceitos do romance realista e naturalista, não deixar de tecer críticas aos valores burgueses, mas, também, como veremos, críticas ao conhecimento científico, retratando como o processo de normatização dos corpos baseado nesses conhecimentos e a luta para a adequação a esse modelo gera a crise das subjetividades. Assim, o objetivo deste estudo é analisar como o processo de normatização imposto pelo conhecimento científico do período leva nossa heroína ao agravamento do quadro de histeria e ao profundo estado de decadência física, psíquica e social, e como ela subverte a essas imposições se refugiando no mundo onírico e na loucura, para permitir-se viver livre (ainda que não concretamente), não recorrendo ao destino estabelecido pela moral burguesa: a instituição do casamento.

## **2 NATURALISMO E PRÁTICAS DE NORMATIZAÇÃO DOS CORPOS**

O século dezenove é marcado pelo surgimento das descobertas do cientista Charles Darwin, pelo determinismo de Hippolyte Taine e pela a filosofia positivista de Auguste Comte, que remodelam a forma de pensar e agir da burguesia e que criam as bases teóricas para ideias presentes até hoje no imaginário social como as questões de raça como fator biológico de diferenciação dos povos, a desigualdade entre classes e as diferenças rígidas entre homens e mulheres, ideias instrumentalizadas para a dominação, pois, na lógica do sistema, a desigualdade de gênero, raça e classe é fundamental para a sua manutenção.

No Brasil, a visão comum da estética naturalista é a de que ela em nada se diferencia do modelo europeu e gerou obras “presas” ao terreno da fisiologia e na descrição dos costumes, voltadas sobretudo a casos excepcionais dos fenômenos. Essa perspectiva, defendida por críticos como Veríssimo (1981, p. 243), contemporâneo de Aluísio, e Sodré (1995, p. 385), se sobressai na primeira metade do século XX na história da literatura

brasileira. É certo que os escritores do naturalismo brasileiro, de certo modo, apreenderam o discurso higienista de seu tempo histórico, mas por outro lado, algumas obras questionam esse discurso estabelecido pela normatização. Entendendo que adotar o naturalismo de Zola consistia numa estratégia para conquistar o mercado editorial e permitir certa estabilidade material, o romance *O homem* foi fundamental para Aluísio Azevedo começar a ser visto como um dos grandes nomes do naturalismo brasileiro a partir de uma forte promoção publicitária nos periódicos da Corte, articulada pelo autor, que lhe rendeu o primeiro contrato com uma das mais prestigiadas editoras daquele momento, a L. B. Garnier (Garcia-Camello, 2018, p. 3.185), permitindo assim, certa autonomia para escrever seus romances posteriormente.

Por mais que o naturalismo se apresentasse como uma estética que buscasse, tal como o método científico, descrever os fenômenos através da abordagem literária, a literatura se desenvolve por outros códigos. Aluísio Azevedo, como um homem fruto de seu tempo, sabia e não fugia dessa lógica. No entanto, é possível afirmar que o cientificismo presente em seu romance de 1887 foi uma tática empregada pelo autor para legitimar sua obra como naturalista e, pelos códigos da literatura, imprimir um discurso contra as forças conservadoras do país.

Costa (1989), em seu livro *Ordem médica e norma familiar*, de 1979, nos apresenta a história da transformação e “normativização” das relações intrafamiliares brasileiras, especificamente da família burguesa e nos auxilia a analisar a lógica patriarcal e higienista do século dezenove, a partir da qual podemos concluir como Magdá, de certa forma, subverte o papel que caberia à mulher burguesa.

A ascensão da filosofia positivista, as descobertas científicas, e, no Brasil, o surgimento dos centros urbanos, modificam as formas de relacionamento das famílias. Se até então o clero ditava as formas de organização das relações familiares, a partir desse período o discurso científico entra na disputa nos ditames sobre as formas de ser e nos relacionamentos da família burguesa, o que terá impacto nas demais classes sociais. Segundo Costa (1989, p. 13), a resolução dos conflitos domésticos passaria gradativamente das mãos do clero para os especialistas, tornando o corpo, o sexo, e as relações entre pais e filhos em ferramentas de dominação política e distinção social entre as classes. Assim, seguindo as premissas do discurso higienista, o pai burguês dedica um cuidado especial aos filhos e, para tanto, conta com o auxílio dos agentes de normatização. A figura do médico é a mais presente nessa nova dinâmica.

Essa transformação nas relações intrafamiliares não se dará apenas pela atuação desses agentes, mas também através do surgimento de aparelhos ideológicos que se fazem presentes sobre a vida dos indivíduos e que vão além da família e da igreja, tais como as primeiras escolas criadas no país, a imprensa e as editoras no Brasil. A cultura entra nessa disputa como uma aliada na disseminação das ideias dominantes, mas que pode, pela mão do artista, ser também um instrumento contra essas mesmas ideias, logo, algumas obras podem subverter esses discursos estabelecidos pela normatização higienista.

Para examinar como ocorreu esse processo no romance *O homem*, primeiramente, é essencial analisar as figuras masculinas na narrativa - o pai, o médico e o “homem” cobiçado pela jovem burguesa, que representam funções específicas dentro da lógica patriarcal, mas que fogem às expectativas do que era exigido de um homem movido pelo discurso burguês, além de como o processo de normatização leva nossa protagonista à loucura, traçando um panorama do fracasso das ideias científicas teoricamente sustentadas por Aluísio Azevedo.

### 3 O PAI, O MÉDICO E O “HOMEM”

Aluísio Azevedo descreve assim o pai de Magdá, o conselheiro Pinto Marques:

Um belo homem! Alto, bem apessoado, fibra seca, barba à Francisco I, toda branca, olhos ainda vivos e uma calva incompleta que lhe ia até ao meio da cabeça, dando-lhe ao rosto uma fina expressão inteligente e aristocrata. Fora da marinha, mas aos trinta e cinco anos pediu a sua demissão, instalara-se no Rio de Janeiro e casara, entregando se desde essa época a política conservadora. Enviuvou pouco depois do nascimento de Magdá, único fruto seu matrimônio; chamou então para junto de si a irmã, D. Camilla, que vivia nesse tempo agregada em casa de outros parentes mais remotos; a filha foi entregue a uma ama até chegar à idade de entrar para pensionista de um colegiado de irmãs de caridade (Azevedo, 1887, p. 14).

Essa primeira citação descreve o pai de Magdá como um homem sensível, culto, de boa aparência, enfim, um homem da modernidade. Em seguida o narrador nos informa que o conselheiro fez parte da marinha, o que rompe um pouco a expectativa de um traço sensível, visto que a imagem cristalizada socialmente de um militar é a de um homem rígido, que jamais cederia à fraqueza e à passividade, características historicamente ligadas ao gênero feminino.

O conselheiro, após pedir demissão da marinha, casa-se e entrega-se à política conservadora, justamente, como se revela nas páginas seguintes do romance, após cometer um adultério. Observa-se a necessidade do conselheiro em buscar a correção, ou talvez, a negação de seus atos praticados fora da norma familiar por meio da repressão da lembrança do

adultério cometido, ou seja, o conselheiro se apega à autoridade da consciência. Pouco se fala sobre a mãe de Magdá. A única informação que temos é uma sugestão de que ela sofreria das mesmas enfermidades da filha. Daí uma forte necessidade do patriarca em dar uma educação que fornecesse todo tipo de formação cultural para que a filha não pudesse desenvolver qualquer enfermidade psíquica, pois, considerando que o período histórico do romance é fortemente marcado pelo determinismo, era natural pensar que tanto o personagem quanto o leitor acreditassem que o destino de Magdá estaria determinado pela doença sofrida pela mãe e pela natureza “libidinosa” do pai.

Após a perda da esposa, o conselheiro busca imediatamente a figura da irmã para ocupar o espaço que caberia à mãe na educação de sua filha até o momento em que esta chega à idade para consumir um matrimônio. O fato de ter se associado à política conservadora poderia indicar a necessidade de exercer um controle sobre a sua filha, para que ela não se desviasse da norma estabelecida para uma família pequeno-burguesa. A educação no colégio das irmãs de caridade e a presença da tia representam o discurso da moralidade pela autoridade do divino. Nota-se que Magdá internamente tem uma preocupação muito forte em manter a aparência de uma mulher pertencente à pequena burguesia, preocupação forjada em sua educação no colégio das irmãs. Sua tia, Camila, representa o laço que une a protagonista aos valores prescritos pela norma cristã.

Magdá recorre aos ensinamentos de sua tia para resistir à forte pulsão sexual, sem obter sucesso, visto que, nas orações ensinadas pela beata, a protagonista enxerga não o Jesus Cristo santificado, mas o homem-objeto na cruz. Com a morte de Camila, Magdá vai aos poucos se afastando da repressão religiosa e se apoia, em tese, no discurso científico para reprimir seus desejos. Interessante observar que os ensinamentos religiosos “fogem” da realidade concreta e irão se instalar no universo onírico criado por Magdá. As situações vividas em sonho pela protagonista e seu amante remetem a passagens bíblicas, como no episódio da Ilha do Segredo em que Magdá recolhe a flor proibida e como consequência faz com que o rio invade a ilha, numa clara referência à Eva. O tratamento com o Dr. Lobão representa o discurso da modernidade, ou seja, a salvação única e exclusivamente pela razão, onde o sexo era visto como uma necessidade de procriação da espécie, e não de prazer (Costa, 1989, p. 226).

As estratégias de controle geram na filha do conselheiro Pinto Marques um recalque que se manifesta através dos sonhos e evolui paulatinamente para o agravamento do quadro de histeria:

[...] os sonhos recorrentes de Magdá são partes integrantes de seu delírio. Para Freud, não haveria mistério nisso, porque os sonhos e as ideias delirantes provêm da mesma fonte: o material recalçado, e visam ao mesmo objetivo, a satisfação de um desejo, a correção de uma realidade insatisfatória (Rouanet, 2004, p. 438).

Essa realidade insatisfatória seria justamente a preconizada pela norma familiar e pela qual a protagonista tenta se adequar para atender as vontades do pai e do divino. Mas há em Alúcio de Azevedo, não só nesta obra como em outras, certo sarcasmo ao retratar seus personagens na posição de poder. O conselheiro não foge à regra: segue a cartilha do pai higienista como casar para reproduzir-se, trabalhar para manter os filhos, investir na saúde, na educação, poupar dinheiro e se culpabilizar pelo insucesso dos filhos. Contudo, o homem que segue essas obrigações exigidas pela nova norma higienista é retratado como um tolo. Por ter fé cega na modernidade, na teoria, o conselheiro leva ao pé da letra os métodos prescritos pelo Dr. Lobão, mesmo não obtendo resultado positivo.

Considerando que Magdá era uma mulher que impunha as suas vontades, não demonstrava submissão e tinha maior interesse na união conjugal mais pelo aspecto emocional do que econômico (racional), era fundamental, para assegurar a respeitabilidade do conselheiro perante sua classe, o controle e a repressão desse comportamento que, na visão do agente normatizador, era o prenúncio de uma patologia que iria desembocar em atitudes escandalosas, leia-se, ninfomania, que poderiam pôr em risco a reputação do patriarca na sociedade. Contudo, ao contrário do homem vislumbrado pela nova norma familiar, o conselheiro e o médico falham. Na casa do conselheiro tudo gira em torno dos humores de Magdá: o médico é acionado de acordo com as necessidades da moça; a agenda de compromissos do pai visa atender as vontades de sua filha enferma. Ao definir a rotina domiciliar de acordo com as necessidades de Magdá, a superioridade do homem sobre a mulher, neste caso do pai sobre a filha, esmorece.

No senso comum e dentro da lógica patriarcal de poder, o que se esperaria da figura do pai era de um homem forte, um grande herói, carregado de valores éticos e morais bem rígidos. É interessante observar como o narrador desconstrói essas expectativas em relação ao conselheiro Pinto Marques dentro do romance. Nas primeiras páginas do livro, a voz narrativa atua como um observador da realidade e do quadro de histeria de Magdá e, aos poucos, assim como a lucidez protagonista, se afasta e mergulha completamente na fantasia dela no último capítulo. Nos primeiros capítulos do livro, ele narra a história anterior à cena inicial do romance (Magdá na sala da casa de Botafogo a observar a pedreira), descrevendo, quase como num ensaio científico, os traumas que estariam levando a protagonista à evolução do

quadro de histeria. Há uma clara separação entre o narrador e a personagem principal. O médico, Dr. Lobão, atua como um porta-voz do narrador e é ele que irá trazer a grande solução (científica) do conflito da protagonista ao pai desesperado para evitar a evolução da enfermidade da filha.

A partir do momento em que Magdá passa a sonhar diariamente com o cavouqueiro, o narrador passa a adotar um discurso quase oposto ao narrado na realidade concreta de Magdá. No diálogo entre ela e o pedreiro Luís, por exemplo, surge o *topos* da hipocrisia da instituição casamento. O matrimônio, nas palavras do cavouqueiro em sonho, é a prova pública da união por interesse e só serviria para demonstrar poder/status. O casamento não compraria a lealdade, e Magdá estava em busca disso, de um relacionamento leal, da relação que ela supunha existir com Fernando. No mundo onírico da jovem, o pai surge inicialmente com uma postura muito mais rígida que a da realidade, no sentido de desaprovar o romance entre sua filha e o cavouqueiro. Porém, o próprio sonho se adapta à realidade desejada por Magdá, uma vez que, nesse mundo paralelo, Luís seria um nobre disfarçado de trabalhador para conquistar e atender os verdadeiros anseios da protagonista, que desejava uma figura fisicamente hercúlea e dotado de virtudes exigidas socialmente.

No último capítulo do romance, o narrador mimetiza na loucura da protagonista. O pai surge neste instante apenas em flashes. Magdá deixa transparecer o desejo, o sadismo e a fúria reprimidos por anos, deixando de lado toda a postura moral encucada durante todo o seu processo de educação para se tornar uma mulher tipicamente burguesa. A reação do conselheiro ao envenenamento causado pela sua filha é o oposto do quadro descrito em sua apresentação no início do romance. O militar forte e conservador dá lugar ao homem sentimental, acuado, sem reação e que transparece toda a sua fragilidade frente ao quadro de psicose da filha e que resume o fracasso do seu projeto de normatização: “[...] o conselheiro deixava-se estrangular pelos soluços, atirado ao fundo de uma poltrona, com o rosto escondido entre as mãos” (Azevedo, 1887, p. 362). Reação contrastante ao do Dr. Lobão, que, fazendo jus ao sobrenome: “[...] viera da rua até lá a passo de lobo, [...] mostrava os punhos e refileava as presas, rosnando contra quem se aproximasse da “sua enferma” (Azevedo, 1887, p. 363). O médico, símbolo da racionalidade humana, “perde” a razão e ganha características animalizantes. Um quadro bastante trágico, escandaloso e irônico.

A relação de poder exercida pelo padre sobre as mulheres, sob a máscara de confidente e conselheiro, ganha, a partir da incorporação dos valores higienistas, mais um agente, para não dizer concorrente: o médico. Será ele o aliado da igreja nessa relação e, guiado pelo estudo científico e pela ética médica, terá autoridade para falar sobre a mulher.

O grande médico era ao mesmo tempo um deus e um cacoete, um confidente e um traidor. As mulheres eram obrigadas a lhe entregar seus mistérios mais íntimos; ele os revelava em seguida aos homens, abastecendo-os de anedotas surpreendentes. [...] era o depositário dos enigmas da fisiologia, das curiosidades da anatomia, das descobertas notáveis da ovologia, do catálogo alucinante das perversões sexuais inéditas (Dottin-Orsini, 1996, p. 222).

Segundo Dottin-Orsini (1996, p. 222), o médico seria o estimulante dos cronistas e dos romancistas. Os fatos que ele relatava e divulgava tinham a vantagem de ser, em tese, verdadeiros, pois estavam sob a autoridade do poder científico (leia-se, poder masculino). Podemos dizer “em tese” porque para o fato ser verdadeiro valeria quanto de confiança a mulher depositava no profissional. Se com o padre o temor a Deus servia como parâmetro para obtenção da confissão dos pecados, quanto ao médico, o critério seria outro: o resultado do método científico para a cura, o controle efetivo do corpo e da mente.

Desde os primeiros anúncios até o lançamento do livro *O homem*, Aluísio Azevedo apresentava sua obra como estudo científico de um caso de histeria feminina (Mérian, 1988, p. 438). A visão do narrador se apresenta como aquela que analisa o caso clínico da personagem principal baseado nos estudos científicos sobre a histeria. Para demonstrar essa ideia, Azevedo insere epígrafe extraída do *Tratado Clínico e Terapêutico sobre Histeria*, obra do médico e psicólogo francês Pierre Briquet: “As paixões e afeições morais tristes são os únicos que predispõem à histeria” (Azevedo, 1887, p. 7, tradução nossa)<sup>1</sup>. O tratado citado por Aluísio foi escrito com base num estudo quantitativo com mais de 400 pacientes com diagnóstico de histeria, no qual o cientista contesta algumas certezas até então existentes entre as causas da histeria “como sua causa imputada a frustrações sexuais, e lançava luz sobre o papel das emoções na gênese dos sintomas físicos” (Ávila; Terra, 2010, p. 335). Em seu *Tratado Clínico e Terapêutico sobre Histeria*, além de afirmar que a histeria pode se manifestar também em homens, contrariando uma tradição médica, Briquet defendia que “a histeria era consequência de emoções violentas, tristezas prolongadas, conflitos familiares e decepções amorosas que sobrevenham em sujeitos predispostos e hipersensíveis” (Jorge e Travassos, 2021, p. 32). Nesse sentido, Briquet elenca aspectos que deflagram predisposições para a histeria:

[...] 3º No entanto, a *histeria pode existir no homem*, mas desde que haja nele a mesma predominância.

---

<sup>1</sup> "Les passions et les affections morales tristes sont les seules qui prédisposent a l'hysterie".

4º A razão desta especialidade não se encontra na genitália feminina; é encontrado no modo de sensibilidade específico para as mulheres [...].

14º *As paixões tristes e os afetos morais são os únicos que predisõem à histeria* (Briquet, 1859, p. 161-162, tradução nossa, grifo nosso).

A visão de que a histeria seria causada por distúrbios ligados ao útero remonta aos tempos da Grécia antiga na figura de Hipócrates, o pai da medicina. O útero seria um órgão com necessidade de gerar filhos e, quando isso não ocorria, o órgão reagiria e afetaria várias regiões do corpo feminino, produzindo, por consequência, quadros de histeria (Jorge e Travassos, 2021, p. 20-21). Os estudos de Briquet rompem com essa concepção uterina para a encefálica, assim:

O útero passou a ser percebido como uma víscera nobre. Do útero dependia a reprodução, a constituição da família e a regulação da política populacional. Em vez de sede da doença o útero passou à sede da saúde dos indivíduos e das nações. A origem sexual da histeria vai migrar para os nervos e para o prazer sexual (Costa, 1996, p. 81).

Diferentemente da “tese” defendida por Dr. Lobão, Briquet não acreditava que a histeria se originaria de desejos sexuais frustrados e sim de conflitos familiares e decepções amorosas. Jean-Martin Charcot, neurologista francês, dará continuidade a concepção de Briquet de que a histeria não se originava de desejos sexuais frustrados, mas admitia que a questão sexual tinha uma função importante na vida de seus pacientes histéricos. Os estudos e tratamentos de Charcot aplicados em pacientes histéricos, irá conduzir posteriormente a Freud, seu aluno no serviço neurológico do Hospital de Salpêtrière, à descoberta do inconsciente (Jorge; Travassos, 2021, p. 32-33). Embora reconheça que a histeria possa se manifestar em homens, Briquet não rompe com a tradição de associá-la à mulher. Nesse ponto, o narrador de *O homem* busca reproduzir o discurso de Briquet na fala do Dr. Lobão. Vejamos:

A histeria pode ter várias causas, nem sempre é produzida pela abstinência; seria asneira sustentar o contrário. *Convenho mesmo com alguns médicos modernos em que ela nada mais seja do que uma nevrose do encéfalo e não estabeleça a sua sede nos órgãos genitais, como queriam os antigos*; mas isso que tem que ver com o nosso caso? Aqui não se trata de curar uma histeria, trata-se é de evitar a histeria. Ora, sua filha é de uma delicadíssima sensibilidade nervosa: acaba de sofrer um formidável abalo com a morte de uma pessoa que ela estremecia muito, está por conseguinte sob o domínio de uma impressão violenta; pois o que convém agora é evitar que esta impressão permaneça, que avulte e degenera em histeria; [...] Para isso é preciso, antes de mais nada, que ela contente e traga em perfeito equilíbrio certos órgãos, cuja exacerbação iria alterar fatalmente o seu sistema psíquico; e, como o casamento é indispensável àquele equilíbrio, eu faço grande questão do casamento! [...]

- De acordo, mas...

- Casamento é um modo de dizer, eu faço questão é do coito! - Ela precisa de homem!  
(Azevedo, 1887, p. 68-69, grifo nosso).

Primeiramente, Lobão concorda com Briquet quando afirma que a histeria não deriva de uma frustração sexual e de que ela seria uma neurose de origem cerebral, sem relação com a genitália. Também concorda que há sujeitos predispostos e hipersensíveis e que sua paciente sofreu uma decepção amorosa e vivencia, após essa decepção, emoções violentas, ou seja, toda a cartilha do médico francês. Contudo, buscar reproduzir um discurso científico na obra não necessariamente confirma que houve uma reprodução fidedigna da teoria apresentada, pois trata-se de uma obra literária que, obviamente, se constrói com princípios distintos de um ensaio científico. Emile Zola, pai do naturalismo francês, acreditava que a experimentação científica substituiria as abstrações por realidades concretas, o empirismo pela análise rigorosa, o estudo do homem real e não a invenção de tipos, assim, encerrando qualquer prática idealista e ilusória na literatura (Zola, 1982, p. 92). Mas, na linguagem literária, como não trabalhar com a imaginação?

Bulhões (2003, p. 108) defende que nos romances naturalistas há uma dialética entre o científico e o simbólico. No científico, no qual o autor denomina de sistematização, o discurso da ciência entra pela voz do narrador ou dos seus personagens principais. No romance *O homem*, reconhecemos o discurso sistematizador inicialmente na voz do narrador e no personagem do Dr. Lobão, que expõe cuidadosamente o discurso científico para descrever o quadro de saúde e as atitudes de Magdá. Todavia, esse substrato científico nunca elimina, antes abastece os desdobramentos simbólicos do romance: “[...] num aparente paradoxo, o senso do real da prosa naturalista precisa se impregnar do elemento metafórico como motor para eficácia da comunicação” (Bulhões, 2003, p. 117). Na prosa naturalista a imaginação é que irá levar os personagens para o conflito. É a imaginação que ativa o desejo sexual em Magdá e deflagra uma luta interna entre a vontade de concretizar o seu desejo e as imposições morais. A imaginação é, portanto, a condutora da decadência.

Assim, os sonhos da heroína seriam então parte de uma estratégia de pôr em prática o exercício da imaginação, da fantasia e do erotismo. É através do sonho, do pensamento, da metáfora, que é dito o que não seria dito. Podemos dizer que no sonho está a verdade da natureza humana e no mundo real está a fantasia de uma sociedade calcada numa série de valores e discursos que visam controlar a liberdade e exercer o poder sobre os corpos e formas de pensar.

Para defender a tese de que a interdição do sexo à mulher tinha como objetivo exclusivo atender às convenções sociais impostas pela moral higienista, era fundamental apresentar as consequências nada positivas dessa interdição. Então, para trazer equilíbrio a certos órgãos do corpo, o Dr. Lobão defende que o casamento, ou seja, o coito é fundamental para evitar o desenvolvimento do quadro de histeria. No livro, a obsessão e a frustração sexual são responsáveis por agravar o quadro de histeria desenvolvido por Magdá, o que em certa medida contraria os preceitos do médico citado pelo próprio autor do romance, Pierre Briquet, visto que não seriam os “chamados do útero” os causadores exclusivos do agravamento do quadro histeria.

O Dr. Lobão dentro da narrativa é a pessoa autorizada a falar sobre a doença de Magdá e suas receitas são respeitadas à risca por todos, exceto pela sua paciente, o que abre espaço para uma dupla interpretação desta figura de autoridade na obra de Azevedo. Ao personagem médico era vendida, novamente em tese, personificação da autoridade, da ética e dos valores científicos. Mas o que se apresenta no romance é um médico quase caricato, grosseiro, que insulta seus pacientes e que tem a ideia fixa de que a doença de sua paciente se resolveria com o coito, negando outras situações que poderiam ter gerado o quadro de histeria. Ao final do romance o médico falha por insistir em tratamentos sem resultados. O doutor não estabelece em nenhum momento uma relação de confiança com a sua paciente, e sim com o pai e, mesmo assim, de forma hierárquica e autoritária. Portanto, a figura do médico, embora demonstre ter contato com as recentes descobertas científicas, não se aprofunda nesses estudos e também não impõe respeito por parte de sua paciente que sabotava os métodos por ele propostos.

Se a imaginação, o desejo é que irá levar a protagonista à decadência, esse desejo é ativado por um estímulo externo que é a figura do homem que dá título ao livro, o cavouqueiro Luís, personagem que pertence ao núcleo dos trabalhadores portugueses da Corte. Este núcleo, o dos trabalhadores imigrados pobres, é o que embasaria mais tarde os protagonistas do romance *O cortiço*. O trabalhador braçal desperta a cobiça de Magdá e povoará seus sonhos, misturando ora a figura de seu falecido irmão, Fernando, ora Jesus Cristo. Seu contato físico com a protagonista ocorre uma única vez, momento suficiente para provocar nela profundos conflitos:

O trabalhador que se ofereceu para conduzir Magdá era um moço de vinte e tantos anos, vigoroso e belo de força. Estava nu da cintura para cima e a riqueza dos seus músculos, bronzeados pelo sol, patenteava-se livremente com uma independência de estátua. Os cabelos, empastados de suor e pó de pedra, caíam-lhe em desordem

sobre a testa e sobre o pescoço, dando-lhe à cabeça uma satírica feição de sensualidade ingênua (Azevedo, 1887, p. 139)

O homem descrito pelo narrador é jovem de beleza e energia física e moral. Não se descrevem aspectos subjetivos, apenas o corpo, mas não qualquer um: é o corpo do homem fora do ambiente doméstico, do homem da rua, do servo, do escravo, mas o termo "independência de estátua" nos remete também a uma certa nobreza desse corpo, a nobreza dos heróis gregos e romanos.

Magdá se vê atormentada por seus desejos e sonhos pelo fato de eles quebrarem essa relação hierárquica entre o servo e o nobre, entre o saudável e o doente, entre a sexualidade reprimida e a vivida. A protagonista vive uma relação ambígua de desejo e repulsa, gerada, sobretudo, por sua vida regrada. Luís, mesmo em sonho, jamais deveria entrar no mundo íntimo da moça burguesa e esse fato involuntário, por fim, o leva à morte. Embora seja o homem que dá nome ao título do romance, ele não é escrito em letra maiúscula. O trabalhador aparece mais como um ser observado do que como observador e esse observador é a mulher. É comum na história da literatura o corpo feminino surgir como objeto de adoração, o corpo-estátua. A literatura naturalista segue quase a mesma linha. O narrador, desta vez, apoiado pelo discurso científico, atua como um "voyeur" legitimado a observar e descrever o corpo, em geral feminino.

O corpo que se desnuda no romance naturalista é, em geral, o feminino, ou seja, aquele corpo que ocupa a posição de objeto de contemplação e observação [...] O corpo masculino esteve mais ausente, enquanto a voz masculina ocupa o discurso como sujeito do "conhecimento" do corpo feminino [...] Para a psicanálise, o ato de olhar - que deriva do tocar - pode ser considerado uma perversão quando ocorre um prolongamento dessa atividade sem que o ato sexual prossiga (Bulhões, 2003, p. 163-164).

Em *O homem*, na "relação" entre Magdá e Luís há uma inversão desse quadro. Magdá observa e vê o homem como objeto de desejo. Luís assume a posição de corpo-estátua. Retratar a objetificação do corpo masculino representava uma inversão das relações de poder estabelecidas na literatura que por sua vez era composta em sua imensa maioria por autores homens.

Ao mesmo tempo em que valoriza as virtudes do homem trabalhador o narrador permite que o corpo masculino a ser visto como objeto de desejo sexual da moça burguesa seja o do trabalhador: o corpo rústico, destituído de intelectualidade, que seria oposto à razão e próximo à irracionalidade, a animalidade, o estereótipo do homem dos trópicos, que só ganharia certa "nobreza" no mundo onírico de Magdá. O corpo concreto, bestial se

imaterializa para que a protagonista obtenha autorização para concretizar a instituição do casamento aos moldes da moral burguesa.

Portanto, não é qualquer homem a ser “objetificado”. Luís pertence à classe dos trabalhadores imigrados pobres que vieram ao Brasil e que, segundo Mérian (2013, p. 59), não era uma condição muito diferente da dos trabalhadores escravizados. O corpo desejado não é o do homem de perfil socialmente nobre como Fernando, descrito apenas pelas suas características subjetivas, e sim o do homem do povo e desejar esse corpo não aceito pela norma burguesa significava a impossibilidade de realização sexual. A norma repressora nesse sentido importa os conflitos de classe para o interior das casas, reproduzindo as divisões e os conflitos e o resultado dessa disputa entre o desejo e o papel social exigido levam à loucura da protagonista.

#### 4 MAGDÁ

As transformações ocorridas na sociedade brasileira no século dezenove fazem nascer uma nova mulher dentro da lógica burguesa: aquela que serve como objeto de valor político e econômico para o projeto de mobilidade social. A conduta da mulher oitocentista estava submetida não só à vigilância do pai ou do marido como aos olhares da sociedade. Por outro lado, esse novo papel da mulher também gerou no homem uma dependência da imagem projetada por elas socialmente, logo, este homem de prestígio e aparentemente livre estava na verdade cercado de mulheres das quais se esperava uma determinada postura para manutenção de seu status social.

Para atender a esse projeto normatizador era fundamental a manutenção do controle sobre os sentimentos e corpos dessas mulheres, suprimindo todo e qualquer tipo de desvio. O médico, como já abordado, seria a figura central para o controle dos corpos e dos afetos, contudo, “[...] esta mesma educação desencadeou uma epidemia de repressão sexual intrafamiliar [...]. Instigados pela higiene, homens passaram a oprimir mulheres com machismo; mulheres a tiranizar homens com o “nervosismo” (Costa, 1989, p. 15). A mulher nervosa passaria a ser a inimiga do homem, aquela que ameaçava o seu prestígio dentro do jogo de interesses econômicos, impedindo a realização das alianças, a reprodução de sua prole e de seu patrimônio, portanto, deveria ser curada, medicada.

A maternidade seria uma alternativa de controle do corpo da mulher para evitar os casos de histeria e os escândalos que viessem abalar a honra da família burguesa e a literatura científica da época corrobora para a afirmação de que “[...] o instinto materno anula o instinto

sexual e, conseqüentemente, aquela que sentisse desejo ou prazer sexual será, inevitavelmente, anormal” (Priore; Bassanezi, 2004, p. 284).

Se por um lado a ciência era usada como um mecanismo de controle e normatização dos “desvios”, por outro ela era usada como arma dos setores mais reformadores da época, como os abolicionistas e os anticlericais, para denunciar certas questões assumidas como tabu para a época, especialmente as vivenciadas dentro da família burguesa, e mostrar pela lente da ciência, como a sociedade estava doente e frustrada e que precisava enfrentar o discurso normatizador para tratar essas frustrações. A questão da sexualidade feminina ultrapassa os discursos científicos e torna-se uma temática que ganha relevância nos romances naturalistas brasileiros no sentido de revelar o “[...] mascaramento da repressão sexual da civilização burguesa, cuja estrutura social se encontra alterada pelas neuroses provocadas pelas inibições morais, pelo sistema de restrições e de privações, tornando-se incapaz, portanto de atingir a satisfação sexual” (Bulhões, 2003, p. 99).

Aluísio Azevedo retrata sua personagem do romance *O homem* nesses padrões: como uma mulher de aparência frágil, nervosa e que vive o dilema interno entre o desejo sexual e a repressão moral e esse conflito interno gerado pela vontade ainda que inconsciente de experienciar o ato sexual com as obrigações atribuídas ao gênero e a classe, gera conseqüências desastrosas à protagonista e a todos em seu entorno.

O quadro de histeria de Magdá vai se desenvolvendo a partir do trauma causado pela ausência de Fernando e, após o contato com o corpo do cavouqueiro Luís, esses sintomas se agravam, pois, a protagonista passa a vivenciar através dos sonhos a sua sexualidade. Sergio Paulo Rouanet (2004, p. 435-436) analisa a evolução do quadro de histeria de Magdá no romance de Aluísio Azevedo a partir da semelhança com as ideias de Freud. Sobre a natureza da doença mental de Magdá, Rouanet estabelece que possui características dos três tipos de anormalidades psíquicas classificadas por Freud: a perversão, manifestada por traços de sadismo quando mata o casal de rolas; a psicose, evidenciada pela fobia e sintomas corporais; e a neurose, quando Magdá chega ao estágio de preferir a realidade sonhada à vivida, fonte de sua insatisfação.

Nesse processo de evolução do quadro de histeria, a protagonista vai aos poucos sabotando as imposições normatizadoras, a começar pelo Dr. Lobão. Magdá, ao contrário de seu pai, não enxergava o médico como uma figura respeitável, pelo contrário. Achava-o ríspido e não merecedor de seu status. Conforme preconizada por Briquet, a sensibilidade era um atributo específico das mulheres e se esperava delas uma natural fragilidade, beleza, doçura e submissão. Entretanto, a mulher, dominada pela irracionalidade, o oposto da

racionalidade masculina, representava um perigo. Magdá ao longo do romance perde todos esses atributos a partir do trauma sofrido: sua saúde de adolescente dá lugar ao estado permanentemente enfermo; a beleza se esvai e seu comportamento tende sempre à insubordinação, ainda que mascarada de obediência.

A filha do conselheiro tinha plena consciência de que o casamento fazia parte de um jogo de interesses alheio ao sentimento amoroso e estava disposta a seguir e equilibrar a necessidade de obedecer aos códigos morais e escolher um marido que atendesse aos seus interesses:

[...] uma vez que o casamento era arranjado daquele modo; uma vez que tinha de escolher friamente um homem, a quem se havia de entregar por convenção, queria ao menos escolher um dos menos difíceis de aturar; um homem de gênio suportável, com um pouco de mocidade e uma fortuna decente (Azevedo, 1887, p. 62-63).

Nessas falas, a protagonista manifesta o desejo de agir a seu modo nesse jogo de interesses, recusando pretendentes que não correspondiam às suas exigências. Essa é uma das primeiras formas de transgredir as normas sociais impostas à mulher, resistência em celebrar o matrimônio. Dentro da narrativa, o casamento é encarado como a prova pública da união por interesse e só serve para demonstrar poder/status, nada além disso. Conforme os planos para o matrimônio não se concretizam, vão se apurando o quadro de histeria, a luta interna contra as expectativas de seu pai, a superação do trauma com a partida de Fernando e a supressão interna de seus desejos.

A segunda forma de transgressão do patriarcado consiste no fato de que o desejo de Magdá, embora muito reprimido, ainda é sentido e descrito no romance através de gestos. Vejamos no trecho em que Magdá é carregada no colo por Luís após a síncope na pedreira:

Não perguntou onde estava, nem indagou quem a conduzia; apenas esticou nervosamente os músculos num espreguiçamento de gozo e estreitou-se em seguida ao peito do rapaz, unindo-se bem contra ele, cingindo-lhe os braços em volta do pescoço com a avidez de quem se apegava nos travesseiros aquecidos para continuar um sono gostoso e reparador. E caiu depois num fundo entorpecimento, bambeando as pálpebras; os olhos em branco; as narinas e os seios ofegantes; os lábios secos e despregados, mostrando a brancura dos dentes. Achava-se muito bem no tépido aconchego daquele corpo de homem; toda ela se penetrava do calor vivificante que vinha dele; toda ela aspirava, até pelos poros, a vida forte daquela vigorosa e boa carnadura, criada ao ar livre e quotidianamente enriquecida pelo trabalho braçal e pelo pródigo sol americano. Aquele calor de carne sã era uma esmola atirada à fome do seu miserável sangue.

E Magdá, sentindo no rosto o resfolegar ardente e acelerado do cavouqueiro, e, nas carnes macias da garganta o roçar das barbas dele, ásperas e maltratadas, gemia e suspirava baixinho, como se a estivessem acarinhando depois de longa e assanhada pugna de amor.

Quando o moço, já em baixo, a depôs em um banco de pedra que ali havia, a enferma abriu de todo os olhos, deixou escapar um grito e cobriu logo o rosto com as mãos (Azevedo, 1887, p. 140-141).

Azevedo faz uma analogia ao cenário de uma relação sexual: o colo do amante a levando ao quarto, o primeiro contato físico, o travesseiro de uma cama confortável, preliminares, a penetração, o prazer masoquista, o relaxamento após o ato. Posta no banco de mármore, vem o choque de realidade e a culpa por deixar viver, ainda que de forma muito breve, o prazer que aquele corpo poderia lhe fornecer.

Aqui, além de imaginar o cenário, entra outro aspecto transgressor da sexualidade feminina: a objetificação do corpo masculino. Não é o corpo da mulher que é objetificado e/ou endeusado, mas o do homem. A mulher torna-se observadora e portadora do desejo, mas diferentemente de uma moça do romantismo, não há amor sublime, muito pelo contrário. Podemos dizer que não há amor. Esse amor romântico só existirá nos sonhos de Magdá, junto com o ideal de homem perfeito: aquele que possui todos os atributos desejados pela moral burguesa, somado ao ideal de beleza clássica greco-romana. O que há é o desejo mundano, vulgar, o corpo visto como objeto como podemos observar também na passagem do passeio ao Campo de Santana, na qual é projetada a pulsação sexual, remetendo à ideia clássica e renascentista de força e beleza, bem como na passagem da oração ao Jesus Cristo crucificado. Essa pulsão está sempre envolvida na contradição entre sagrado e o profano, entre a força e a fraqueza, o dominador e o dominado, trazendo para o mundo subjetivo as contradições existentes no plano concreto, ou seja, as contradições de classe e gênero.

Após a sua primeira experiência sexual em sonho, Magdá começa a pensar e imaginar coisas além do que do que é exigido pelas normas sociais, ou seja, seus pensamentos já não estão voltados somente para o casamento, vida religiosa e doméstica, mas para o sexo. O sexo, sorvido no/pelo casal de recém-casados do cortiço gera uma série de perturbações na protagonista que determinam o seu destino seguindo as “leis naturais” da ciência. Embora transgressora no sentido de objetificar o corpo masculino, a protagonista é “punida” pelo agravamento do seu quadro de histeria seguindo o destino da tragédia moderna em herdar a tendência degenerativa de seus pais e termina em uma casa de detenção.

Magdá não tem saída. Nos momentos em que tenta adaptar-se às prescrições da moral normatizadora, ela fica imediatamente sujeita a sofrimentos, doenças e perversões, portanto, se segue as convenções sociais impostas, adoece. Se não as segue, ou seja, se age a seu modo nesse jogo de interesses, sua vivência será carregada de culpa, como ocorre no despertar do transe após ser carregada da pedreira por Luís e quando desperta de seus sonhos. Não há

escapatória para o final trágico, pois esse desejo nunca será satisfeito. Frente a isso, o caminho seguido pela protagonista é mergulhar definitivamente no mundo onírico, no mundo pelo qual estará livre da regulação do sistema patriarcal, religioso, das prescrições médicas, da doença. Ao optar por se refugiar no mundo onírico e na loucura, a filha do conselheiro subverte as normas civilizatórias e se liberta das amarras que regulamentam as pulsões, experienciando o prazer, a maternidade e a benção do pai e de Fernando nos sonhos e o sadismo ao punir o casal que teve o desejo satisfeito na noite de núpcias, e, não se rendendo à instituição do casamento.

O final do romance transmite uma mensagem de certo modo ambígua. Vejamos. Ao não seguir os preceitos do médico e evitando um destino “cientificamente” estabelecido pela fisiologia feminina e pelas normas higienistas, Magdá, por ousar a pensar numa vida sexual livre de tabus, é punida com a loucura e comete um crime. Nesse sentido, o romance poderia ser interpretado como um instrumento de validação das ideias higienistas/conservadoras.

Por outro lado, como vimos, Magdá nunca se opôs ao casamento imposto pelas normas sociais e desejava, mesmo que em seu íntimo, justamente concretizar o coito como o médico prescrevia. A grande questão está justamente na imposição da instituição do casamento e da repressão exercida pela religião e pelos agentes de normatização. A repressão dos conflitos exercida pela moral religiosa e pelas normas higienistas seria a causadora da crise na subjetividade dos indivíduos. Aqui o romance na realidade estaria então condenando a repressão sexual da mulher.

Analisando o contexto histórico e os conflitos da vida social do final de oitocentos e considerando que Aluísio Azevedo foi um grande crítico do modelo econômico escravista, da influência do clero e do modo de vida da burguesia da Corte, a mensagem que o romance transmite é uma grande crítica à instituição do casamento e ridicularização das figuras de poder, incluindo os cientistas. Para subverter o discurso hegemônico, Aluísio recorreu a recursos disponíveis na época, ou seja, o discurso científico, para defender que um corpo saudável inexistia se não houver livre arbítrio, uma sociedade livre de repressões de cunho religioso e autoritário e também republicana, no sentido, para a época, de trazer democracia, educação e condições dignas de vida para a população amontoada nas cidades, o que na realidade acabou não se concretizando após a Proclamação da República. A disputa pelo discurso hegemônico continua mais viva que nunca.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma obra ficcional nunca estará dentro do campo da neutralidade. A sociedade nunca estará livre de conflitos e contradições no campo das ideias uma vez que vivemos numa sociedade de classes. O autor pode adotar o lado dos opressores ou dos oprimidos em variados graus, desde o mais extremo ao mais escapista. Ao adotar a premissa de que o romance reafirma o discurso higienista e normativo estaríamos ignorando justamente esses conflitos existentes no Brasil no fim do século dezenove e a posição do autor frente a essa realidade.

No interior da narrativa identificamos a exposição do discurso normatizador, mas pelas mãos do autor esse mesmo discurso é subvertido, trazendo à tona os conflitos existentes dentro da classe que detém o poder. Nesse sentido, o romance *O homem* questiona e subverte as figuras de poder - o patriarca e o médico pequeno-burguês - e põe em xeque o discurso científico tão em alta no período em que o romance foi produzido, o que revela certa ousadia não só de Aluísio, mas de outros autores do naturalismo, no sentido de publicar obras num período ainda delicado para tratar a questão do “amor livre”.

Comparando com o momento atual, com a velocidade e a quantidade de informações disponíveis, há muita discussão, debate, mas acompanhado de tudo isso há muita reação dos setores mais conservadores e reacionários do país, ou seja, está mais do que nunca “perigoso” tocar nesses temas que questionam o discurso moral e determinados discursos “científicos” que atendem a frações da burguesia dominante, vide os casos de médicos que procuraram justificar o uso de hidroxicloroquina para tratamento de Covid-19. Vivemos essa dialética entre a liberdade e a prisão do discurso normatizador, entre exploradores e explorados.

A literatura, a arte de uma forma geral, assim como no século dezenove, é um poderosíssimo instrumento de luta nesse embate e por isso é tão atacada, pois, permite que obras como *O homem* e outras do naturalismo, mesmo sofrendo um período de apagamento, cheguem até nossos tempos, nos toquem e deem o que falar. Que assim seja.

## REFERÊNCIAS

ÁVILA, L. A.; TERRA, J. R. Histeria e somatização: o que mudou? *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 59, p. 333-340, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/hH68rMvG9GqSbb6Q6DKLctw/?lang=pt>. Acesso em: 04 mai. 2025.

AZEVEDO, A. *O homem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Tipográfica de Adolpho de Castro Silva & Cia, 1887. Disponível em: [https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4893/1/002293\\_COMPLETO.pdf](https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4893/1/002293_COMPLETO.pdf). Acesso em: 08 mai. 2025.

BRIQUET, P. *Traité clinique et thérapeutique de l'hystérie*. Paris: J-B. Baillière et Fils, 1859. Disponível em:

[https://books.google.com.br/books?hl=pt%20BR&lr=&id=h2M\\_AAAAcAAJ&oi=fnd&pg=P2&ots=iSnisGKN36&sig=9ktGKXayFhGB%20wUZeuYSo4pEMDyU&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt%20BR&lr=&id=h2M_AAAAcAAJ&oi=fnd&pg=P2&ots=iSnisGKN36&sig=9ktGKXayFhGB%20wUZeuYSo4pEMDyU&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 05 mai. 2025.

BULHÕES, M. *Leituras do desejo: o erotismo no romance naturalista brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. 3. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

COSTA, J. F. O referente da identidade homossexual. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. M. (Org.). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.

DOTTIN-ORSINI, M. *A mulher que eles chamavam de fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle*. Tradução Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

GARCIA-CAMELLO, C. dos S. A promoção publicitária de *O homem* (1887), de Aluísio Azevedo: naturalismo, pornografia e mercado livreiro. In: Congresso Internacional da ABRALIC, 2018, Uberlândia - MG. *Congresso Internacional 2018 - Circulação, Tramas e sentidos na literatura*. Uberlândia, 2018. Disponível em: [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018\\_1547733640.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547733640.pdf). Acesso em: 02 mai. 2025.

JORGE, M. A. C.; TRAVASSOS, N. P. *Histeria e sexualidade: clínica, estrutura, epidemias*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

MÉRIAN, J.-Y. *Aluísio Azevedo: vida e obra (1857-1913)*. Tradução Claudia Poncioni. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

PRIORE, M. D.; BASSANEZI, C. *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ROUANET, S. P. A Construção da histeria feminina em Aluísio Azevedo. In: *Escolas literárias no Brasil: Tomo I*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004, p. 425-445.

ZOLA, E. *O romance experimental e o naturalismo no teatro*. Tradução Italo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1982.